

## SUJEITOS DE EXPERIÊNCIA: PROFESSORES DE HISTÓRIA NO USO PEDAGÓGICO DO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

### AGENTS OF EXPERIENCE: HISTORY TEACHERS AS PEDAGOGICAL ASSETS OF THE ARTS AND CRAFTS MUSEUM (MG)

*Jezulino Lúcio Mendes Braga*

Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
Doutor em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil  
e-mail: luciohistoria@hotmail.com

#### DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v5i9.10984>

Recebido em 11 de outubro de 2016

Aprovado em 19 de março de 2017

#### RESUMO

Esse artigo apresenta parte de uma pesquisa de doutorado na qual investiguei a relação dos professores de história com a exposição do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte. Apresento as experiências sensíveis dos docentes no museu e discuto as escolhas que fazem para ensinar história. Afirmo que a potencialidade dos museus para o ensino de história está na forma que dispõe os objetos, imagens e legendas e analiso dados sobre as mediações oferecidas pelo museu aos docentes. Discuto que a educação museal passa pelas experiências sensíveis e que, portanto, os programas e projetos dos setores educativos são potentes para formação docente que é processual crítica e reflexiva. Como método de pesquisa utilizamos questionários e entrevistas narrativas em contato com a exposição do museu.

**Palavras chaves:** museu; experiência; ensino de história

#### ABSTRACT

The present article brings part of a doctoral research where the relationship between History teachers and the exhibition at the Museu de Artes e Ofícios (Arts and Crafts Museum), in Belo Horizonte city, is investigated. It presents the teacher's sensory experiences at the museum, and the choices they make to discuss and to teach History. This work states that the potential of museums for teaching History lays in the form they displays objects, images and captions, and it analyzes data on the mediation offered to teachers by those museums. It argues that museal education runs through sensible experiences and that, therefore, the educational sector programs and projects are potent for teacher's training, which is procedural, critical, and reflective. As a research method, questionnaires and narrative interviews have been done during the museum exhibition.

**Keywords:** museum; experience; history teaching

#### INTRODUÇÃO

Esse texto apresenta experiências sensíveis dos professores de história no Museu de Artes e Ofícios, Belo Horizonte. Partimos da premissa que os museus fazem um convite à aprendizagem sensível da cultura, um dos desafios colocados ao professor de história, e, por esse motivo, constitui-se um dos espaços para a formação docente que é processual, crítica e reflexiva.

Os professores vivem experiências em situação de trabalho, no usufruto cultural, nos ambientes familiares, partidos políticos, sindicatos, associações de bairro e instituições religiosas. Estas experiências adquiridas são interferentes nos saberes que mobilizam para ensinar. Segundo Tardif<sup>1</sup>, o saber dos professores é individual ao mesmo tempo é social, uma vez que resulta de experiências individuais e das confrontações que ocorrem na sociedade. A condição docente é da ordem do humano e, como tal, nas relações que estabelece com o outro ocorrem tensões, conflitos e também partilhas, trocas, interações diversas expressas em seu modo de conceber a educação e de dar sentido à sua profissão.

Para Teixeira, é necessário que as pesquisas em educação reconheçam o lado humano dos professores, pensando suas vidas, seu trabalho, suas experiências, identidades e histórias, assim como suas formas de se posicionar no mundo.<sup>2</sup> Estudando a condição docente, a autora nos informa que, antes de tudo, a profissão se estabelece na relação com os estudantes. E nessa relação existem trocas, reinvenções, conflitos, resistências, comuns a qualquer relação de alteridade. O docente é um sujeito sócio cultural, historicamente construído, “(...) cuja condição de existência, cuja origem primeira está na corporeidade que se inscreve, por sua vez, nas temporalidades do transcurso da existência humana, em rítmicas da vida bio-psico-social e nos ciclos vitais”.<sup>3</sup> Segundo a autora, a formação docente se desenvolve em contextos sócio-histórico temporais, seja porque esta formação se realiza nas relações entre sujeitos com distintos posicionamentos nos ciclos da vida, ou pelo fato de que o desenvolvimento cognitivo e emocional tem seus ritmos e temporalidades peculiares.

Professores são sujeitos historicamente construídos e usam de suas experiências em seu desenvolvimento profissional na avaliação de suas práticas e na mobilização de saberes para ensinar. E os museus são espaços formativos dos quais os professores dispõe para

---

<sup>1</sup> TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 21.

<sup>2</sup> TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Tempos enredados: teias da condição professor*. 420f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 1998, p. 415.

<sup>3</sup> TEIXEIRA, 1998, p. 130.

ensinar história. Fazem uso pedagógico dessas instituições ao mesmo tempo em que se formam em serviço. Os museus são elementos constitutivos do trabalho docente e dessa forma constituem-se espaço potente para que os professores ressignifiquem suas práticas e mobilizem suas experiências para ensinar.

Para análise das experiências docentes no Museu de Artes e Ofícios utilizaremos do conceito de experiência sensível. Chamamos de experiência sensível as ações humanas acontecidas no museu que passam pela rememoração, imaginação, reafirmação identitária, pelo encantamento, sofrimento, reposicionamento de concepções prévias, entre tantas outras reações provocadas pelos sentidos colocados em ação no uso pedagógico dos museus.

A experiência sensível é corpórea, pois é com o corpo que garantimos nossa presença no mundo. É pelo corpo que se dá a primeira aproximação com o acervo do museu. Por se tratar de uma instituição que propõe uma visualização da história por meio de objetos tridimensionais, a experiência sensível depende do contato visual com as exposições dos museus. Pelo contato visual, o sujeitos elaboram percepções baseadas em suas experiências e constroem uma narrativa autoral e empática.

Para capturar essas experiências realizamos a pesquisa em duas etapas. Em uma primeira etapa e com o apoio do setor educativo do museu, enviamos convites para professores que realizaram mais de uma visita ao MAO entre os anos de 2011-2013. Aos professores que aceitaram participar da pesquisa foi enviado um questionário inserido em um programa desenvolvido especialmente para a pesquisa e disponibilizado no site <http://www.jezulinolucio.com.br/>. Este programa permitiu que os dados fossem consolidados de forma mais rápida, minimizando algumas perdas eventuais quando os questionários são aplicados em papel.

Nesse questionário formulamos 20 questões para investigar os usos pedagógicos que os professores fazem da exposição do MAO. O objetivo desta primeira etapa era conhecer os docentes frequentes ao MAO nos últimos dois anos e a possibilidade de eles participarem da pesquisa. O setor educativo do museu consultou 115 professores sobre interesse e disponibilidade em participar da pesquisa. Obtiveram 45 retornos sendo 6 deles negativos. Enviamos o questionário para 39 professores na primeira etapa da pesquisa e obtivemos 26 retornos.

A primeira etapa desenvolveu-se entre setembro de 2012 a março de 2013. Com os dados obtidos e sob análise, optamos por uma entrevista narrativa com professores de

história, dentre aqueles que responderam ao questionário e os que aceitaram participar da fase seguinte.

O método baseado na narrativa permite que os professores revivam suas experiências em uma cadeia narrativa uma vez que:

(...) essa metodologia qualitativa de investigação propõe-se a escutar os sujeitos que, generosamente, emprestam e confiam suas vidas aos/as entrevistadores/as, que delas recolhem não somente os fatos, mas os sentidos, os sentimentos, os significados e interpretações que tais sujeitos lhes conferem.<sup>4</sup>

A narrativa se constitui também como um momento formativo, pois ao contar suas experiências os professores dão novos sentidos ao seu modo de ensinar e à sua formação docente. Não foram raros os momentos em que os entrevistados usavam a expressão corriqueira na língua portuguesa “Eu não tinha parado para pensar nisso”, porquanto a entrevista narrativa é também momento no qual o professor constrói seu ponto de vista sobre sua atuação nas escolas e na sociedade.

A entrevista narrativa foi realizada no Museu de Artes e Ofícios, individualmente com cada professor, em dia previamente agendado. Optamos por uma entrevista em percurso de visitação. Assim, o/a professor/a juntamente comigo realizamos um percurso dialogando por ambientes expositivos do museu enquanto a entrevista ocorria. O tempo da entrevista foi, então, o tempo do percurso, sendo altamente interferente em seu cont eudo. Partindo do pressuposto de que a centralidade da pesquisa recai sobre as experiências dos professores no museu, realizamos a entrevista como ato investigativo marcado por situa es em que o professor exerceu seu papel narrador, viveu experiências e fez op es de visita o na exposi o do MAO. Decidimos que realizar a entrevista naquele lugar seria uma oportunidade de dialogar com as experiências vividas pelos professores em a es pedagógicas no museu, focalizando também a sua experiência pessoal dentro da institui o e mesmo diante de outros museus. O professor foi convidado a percorrer a exposi o do MAO em confronto com suas práticas e memórias.

---

<sup>4</sup> TEIXEIRA, Inês Assun o de Castro; PÁDUA, Karla Cunha. *Virtualidades e alcance da entrevista narrativa*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 2., 2006, Salvador. *Anais...* Salvador: s.e., p. 34. CD-ROM.

Este método nos permitiu aproximar das experiências docentes que, muitas vezes, foram expressas nos gestos, interrupções, confrontos, afirmações, choro e outras emoções próprias da condição humana que deixam:

(...) escapar revelações não só do lugar que o indivíduo ocupa na estrutura de produção, mas, principalmente, na forma como ele se relacionou, ou ainda se relaciona com o seu universo de vida: o trabalho, a religião, o corpo, o prazer, a dor, os sonhos.<sup>5</sup>

Ainda que tenham objetivos a cumprir em suas disciplinas, sistematizadas em currículos e programas, os professores definem seus saberes em termos de experiências. Professores experienciam situações diversas que são confrontadas com saberes adquiridos nos cursos de formação e com os saberes que lhes são propostos para ensinar. E este experienciar não é limitado pelos muros da escola, mas é um ato de relação com a sociedade que se expressa “sob a forma de habitus e de habilidades de saber fazer e de saber-ser”.<sup>6</sup>

Estes saberes são plurais, heterogêneos, compostos por experiências adquiridas no trabalho e também na vida pessoal, uma vez que professores são homens e mulheres que refletem, emocionam-se, fazem escolhas, têm posições éticas e políticas em relação ao que acontece em sua vida pessoal e na sociedade; são portadores de experiências que se modificam com o tempo, exercendo pressões sobre a consciência social existente.

Os museus instituem uma relação de alteridade e, potencialmente, podem promover diálogos, confrontos, deslocamentos e afirmações identitárias. São ambientes de formação tanto para educadores que atuam diretamente na instituição museal, quanto para professores que dele fazem uso educativo. Partimos da consideração de que o museu permite uma experiência sensível por meio da visualização da história narrada com objetos tridimensionais, imagens e textos. Os professores relacionam-se de forma empática com essa narrativa mobilizando estratégias no processo de ensino e aprendizagem da história. No uso pedagógico dos museus, os professores resinificam sua prática e constroem novas concepções para a história, baseada em suas experiências vividas.

## MUSEUS E POTENCIALIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

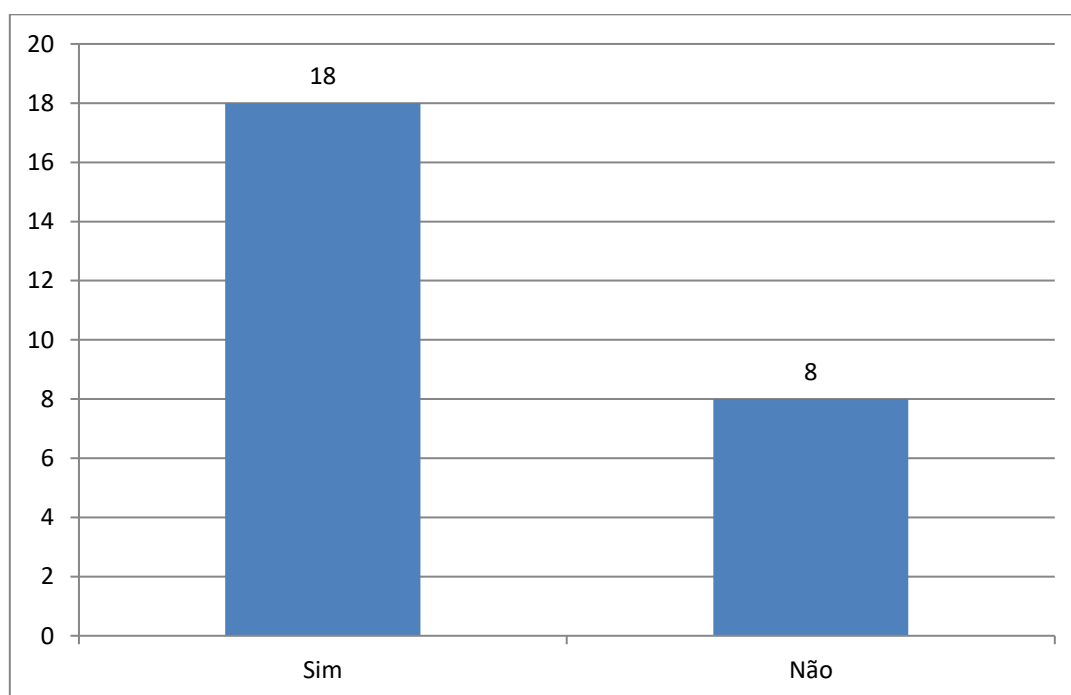
---

<sup>5</sup> TEIXEIRA; PÁDUA, 2006, p. 36.

<sup>6</sup> TARDIF, 2011, p 39.

O Museu de Artes e Ofícios possui setor educativo e oferece suporte aos professores que fazem visitas pedagógicas com estudantes. Do grupo de professores de história pesquisados, 69% realizam visitas regulares com estudantes a museus e, inclusive, foram mais de duas vezes ao MAO no ano de 2012, como podemos observar no Gráfico 1.<sup>7</sup>

Gráfico 1 - Docentes que declaram visitar regularmente museus



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores.<sup>8</sup>

A maior parte dos professores entrevistados incorpora os museus em sua prática e considera que essas instituições reúnem condições favoráveis para o ensino de história:

<sup>7</sup> BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. *Professores de História em Cenários de Experiência*. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais,, Belo Horizonte, 2014, p. 235.

<sup>8</sup> BRAGA, 2014, p. 235.

(...) as visitas (não apenas em museus) conferem significado aos temas trabalhados em sala e permitem que os sujeitos sintam-se construtores e participantes da história. **As visitas a museus provocam outros sentidos** e permitem ao estudante **visualizar** outras versões da história que não estão nos livros didáticos. (Professor Bento- grifo nosso)

O ambiente do museu **desperta a curiosidade** dos estudantes, o acervo **transporta o visitante no tempo**, as orientações dos guias (quando bem preparados) ampliam as possibilidades de exploração pedagógica da visita. (Professor Mário)

**O contato visual com o museu**, com objetos históricos, com a problemática do monumento como sendo monumento histórico. (Professora Hilda)

O aluno consegue apropriar-se do conteúdo **pois tem contato com o “concreto”** indo além da teoria escutada em sala de aula. (Professora Hannah).

Em grande parte dos questionários os docentes enfatizam o contato visual como um dos diferenciais da educação por meio de visitas a museus. As narrativas museais são compostas de objetos, legendas, imagens, vídeos, focos de luz e vazios. Esse discurso é acionado pelos sujeitos no momento da visita. Para os professores, nesse ambiente de formação os estudantes poderão ter experiências que extrapolam a narrativa que usam em sala de aula para ensinar história. São experiências que vão além das informações disponíveis nos livros didáticos e outros recursos disponibilizados na escola.

Despertar, ampliar, visualizar são verbos recorrentes na fala dos docentes que fazem uso pedagógico do MAO. A exposição possibilita o contato visual com objetos portadores de uma historicidade e dispostos de forma a construir uma narrativa da história. Esta narrativa é usada para ensinar história, pois possibilita ao estudante o contato com o “concreto,” como afirma a professora Hannah. Como aponta a professora Hilda, os processos de musealização são potentes para dialogar sobre a problemática do patrimônio material e imaterial e os usos que são feitos do passado na contemporaneidade como no caso dos monumentos históricos.

Muitas vezes o uso pedagógico do museu limita-se a esse processo ilustrativo dos conteúdos escolares. Superar esta limitação requer dos professores criatividade, problematizando a exposição e mobilizando ideias na continuidade da visita no retorno à sala de aula. Por meio de uma concepção de museu como “morada babilônica”<sup>9</sup> com suas diversas linguagens, na qual o sujeito é um andarilho e os objetos são ideias moventes, tocantes e

---

<sup>9</sup> Museu como espaço da dispersão, pluralidade, onde reside o paradoxo da salvaguarda e da irremediável perda que implica a própria vida. Museu como espaço das diversas linguagens e de possibilidade de partilhar experiências.

provocadoras, o museu deixaria de ser um espaço apenas de curiosidade que transporta o sujeito a outro tempo e possibilitaria sentir empaticamente as implicações do pretérito no presente.

O professor Bento chama atenção para a possibilidade de confrontar versões da história. Ao provocar sentidos diversos, a narrativa museal abre nova perspectiva de construção de conhecimento histórico afirmada na visualização e no discurso dos educadores de museu. Os visitantes escolares produzem narrativas na relação subjetiva com a exposição. Há um processo de construção de conhecimento cognitivo estabelecido pelas sensibilidades no contato com a exposição e no diálogo intersubjetivo, em uma situação relacional diferente da sala de aula. Em processo, o que vale são as experiências de abertura para si e para os outros que o ambiente museal proporciona.<sup>10</sup>

Ainda que não tenha o poder de transportar o visitante no tempo, essa forma de ensinar, por meio dos museus, desperta a curiosidade, como enfatiza o professor Mário, abrindo reflexões sobre a monumentalização das fontes históricas, nesse caso, a sacralização dos objetos nas exposições e os litígios presentes nos museus. Sob esse ângulo, o professor pode pensar o museu a partir da salvaguarda e da perda, pois o que está exposto é sempre fruto de uma escolha arbitrária, vestígios de como a sociedade quer ser lembrada. A narrativa museal é um recorte, uma seleção de rastros materiais e legendas em cenários propostos para a construção de um argumento.

O uso pedagógico do museu faz parte de uma concepção ampliada de educação em que o sujeito está integrado de forma sensível ao mundo e pode refletir sobre a sua história e sobre as tramas culturais nas quais está envolvido. No museu, o ato educativo é diferente do conhecimento que a escola constrói, pois está localizado em espaço e tempo curtos, exigindo, assim, outros ritmos e outras linguagens. Abre-se espaço para um conhecimento sensível, que localiza cada sujeito no seu universo cultural em diálogo com a pluralidade de linguagens estéticas do ambiente museal. Esse conhecimento é construído na relação subjetiva e intersubjetiva que compõe uma visita pedagógica a museus.

Os debates sobre o uso pedagógico de museus para a aprendizagem histórica entram timidamente na formação inicial de futuros professores. A incorporação das práticas de ensino nos currículos dos cursos de graduação ainda não consegue aliar o debate sobre o

---

<sup>10</sup> SCHEINER, Tereza Cristina. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. *Semiosfera* - Revista de Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, jul., 2003.



ensino de história às novas concepções de educação, o que reflete em uma ideia de que essa área do conhecimento estaria limitada à didática do ensino. Uma didática que privilegia critérios racionais de ensino, como se para ser um bom professor fosse necessário apenas dominar o conteúdo e os métodos.

Os currículos estão ainda em uma perspectiva especializada, que desconsidera uma formação ampla e reflexiva ancorada em saberes socialmente construídos e que não são submetidos à legitimação por determinado conceito de ciência. É preciso que na formação docente a parte teórica esteja aliada ao conhecimento sensível que vem do contato com as coisas do mundo.

Duarte Júnior afirma que é preciso envolver o cotidiano mais próximo dos sujeitos em formação no estímulo dos sentidos em situação mais corriqueira do que aquelas que o mundo moderno oferece em grande quantidade. Um sujeito que não vai apenas ocupar um papel social como um ator, mas que se multiplica em suas dimensões éticas, estéticas, políticas e sensíveis. De acordo com o autor é preciso investir em:

(...) Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana (...) <sup>11</sup>

Na visão do professor Bento, as visitas a museus ainda são orientadas por temas que estão sendo discutidos na escola; são estabelecidas a partir de objetivos ligados ao currículo, em uma aprendizagem que privilegia as dimensões cognitivas do sujeito. Mas ele acredita que é possível romper com essa concepção por meio de uma prática reflexiva do uso dos museus:

**Pesquisador:** Você acha que os professores procuram os museus de acordo com o tema que estão desenvolvendo em sala de aula?

**Professor Bento:** As visitas são orientadas por temas. O Museu fica a reboque das demandas da escola. É meio complexo escapar dessa nuance. Realmente tem questões que a gente discute na escola que a gente gosta de ilustrar, gosta de discutir através do museu. Existem outras possibilidades, e **eu tenho aprendido** a trabalhar com isso nos últimos anos. Têm possibilidade de deixar que os próprios alunos conduzam a discussão, porque andando por aqui eles se lembram de um objeto que foi significativo na vida dele, na infância, e vão viajar naquilo ali, vão dissertar sobre aquilo. **E as vezes desvirtua uma ideia inicial que foi trazer o**

---

<sup>11</sup> DUARTE-JUNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: A educação (do) sensível*. Campinas: UNICAMP, 2000.p 177

**aluno aqui para contextualizar um conteúdo.** Mas não nego que a intenção de dar significado ao conteúdo trabalhado esteja presente no planejamento que fazemos. **Agora o bacana é quando isso consegue ser desvirtuado pela experiência do próprio aluno. Esse espaço aqui é muito rico nesse sentido, surpreende a gente pela experiência que eles têm.**  
**É o lugar do inesperado.<sup>12</sup>**

Na entrevista caminhante, o professor Bento chama atenção para a riqueza do acervo do MAO, que abre possibilidade de dialogar com a experiência de vida dos estudantes. O docente admite que existe um planejamento para as visitas ligado ao conteúdo disciplinar, mas que o ambiente museal é o lugar do inesperado e a visitação desvirtua, ou seja, vai além da proposta inicial explicitada nos planejamentos de aula. Com sua estratégia de visitação, Bento consegue romper com uma educação que privilegia apenas as dimensões cognitivas, abrindo espaço para as dimensões sensíveis, éticas, estéticas e políticas, uma vez que as experiências dos estudantes ampliam a possibilidade de uso pedagógico do museu, extrapolando os conteúdos curriculares.

Para o docente, o MAO é o lugar do inesperado e, ao caminhar pela exposição, os estudantes entram em contato com objetos que fazem parte do seu cotidiano; e na caminhada ocorre um diálogo entre as experiências dos estudantes e a narrativa visual:

**Pesquisador:** É possível visualizar a história nesse museu?

**Professor Bento:** Creio que é possível visualizar a história, principalmente daquele que o olhar não... como a gente chamaria de memórias subterrâneas né...Pollak né. Essas pessoas quando vêm ao museu, pessoas vêm aqui achando que vão encontrar só velharia, no entanto eles encontram a velharia, coisas que fazem parte do seu cotidiano. Então aquilo faz despertar aquelas lembranças e essas lembranças fazem parte da história. **Eles vão revelando aspectos da história de vida deles que muitas vezes se confunde com a história social, com a história coletiva.** As vezes dá para pegar o gancho de um determinado momento histórico...isso era em que época? O Que estava acontecendo nessa época? Daí você introduz o conteúdo, mas sempre partindo das coisas que eles viram, daquilo que eles falaram aqui.<sup>13</sup>

O docente utiliza-se do conceito de memórias subterrâneas, proposto por Michael Pollak, para explicar a relação existente entre a experiência de vida dos estudantes e a exposição do MAO. Michael Pollak postula a pulsação advinda das memórias construídas no silenciamento e afirma o elemento contraditório na confecção de uma teia de lembranças

---

<sup>12</sup> Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO. Grifos nosso.

<sup>13</sup> Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO. Grifos nosso.

majoritárias que são oficializadas em suportes materiais responsáveis pela manutenção de uma dada ordem vigente. Para Pollak, na sociedade contemporânea a fronteira entre o que se diz e o silêncio separam “(...) uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor”.<sup>14</sup>

Estas memórias subterrâneas são expressas nas histórias de vida como ordenamento de acontecimentos que balizaram uma existência e “(...) através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros”.<sup>15</sup>

Os objetos expostos ressoam as experiências dos sujeitos despertando lembranças que criam outras narrativas, que estão silenciadas na exposição do museu. Greenblat<sup>16</sup> admite que os objetos são potentes, revelando forças culturais complexas e dinâmicas nas quais foram criados e das quais estabelece relações com o sujeito que vê, arrebatado pela estética que prende sua atenção. Pela ressonância e encantamento são provocados gestos imaginativos relacionados aos conteúdos propostos pelo professor no momento da visita.

O professor Bento afirma a importância de dar vazão às histórias de vida despertadas pelo contato visual com a exposição do MAO. No relato dessas histórias o docente estabelece relações com aspectos da história social, abrindo um diálogo com os estudantes e introduzindo conteúdos próximos às suas experiências.

Essa estratégia de ensino não limita os conteúdos de história ao que está exposto nos manuais didáticos ou ao conhecimento do professor, mas estimula o questionamento das narrativas e propõe entender cada sujeito na construção do presente em diálogo com o passado. A história aproxima-se do sujeito do aprendiz no estímulo à construção da consciência histórica em um processo de educação sensível.

Na educação sensível considera-se que o sujeito aprende na relação corpórea que estabelece com as coisas do mundo por meio de seus sentidos, antes mesmo do pensamento e da reflexão. Como afirma Merleau-Ponty:

---

<sup>14</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 6.

<sup>15</sup> POLLAK, 1989, p. 7.

<sup>16</sup> GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo: ressonância e encantamento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

Tudo o que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se quisermos pensar na própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e seu alcance, convém despertarmos primeiramente esta experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. (...) Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento cujo conhecimento fala sempre, e com respeito ao qual toda determinação científica é abstrata, representativa e dependente, como a geografia com relação à paisagem onde aprendemos primeiramente o que é uma floresta, um campo, um rio.<sup>17</sup>

O autor afirma que o cognitivo depende de uma visão pessoal, ou seja, de uma forma própria de se posicionar no mundo. O inteligível é secundário em relação a essa experiência relacional despertada pelos sentidos.

As lembranças como fenômenos próprios da relação do homem com as coisas do mundo fazem com que os estudantes ressignifiquem sua opinião sobre os museus, pois percebem que os objetos estão muito mais próximos de suas vidas do que imaginavam. Pelos aspectos relacionados à vida dos estudantes, o docente faz um exercício de construção do conhecimento histórico, levantando problemas sobre a conjuntura, dialogando com as temporalidades e ensinando história de forma sensível e empática por meio da exposição:

**Pesquisador:** Você se lembra a primeira vez que visitou o MAO?

**Professor Bento:** Eu trabalhava, na rede particular, pouco depois de inaugurar e nós fizemos um projeto de uso desse museu. Eu sempre venho com aluno. Já vim uma vez com minha mãe, e tal, mas a maioria com estudantes do ensino médio. Na primeira visita me surpreendeu o fato de ter essa **potencialidade virtual**, esse tanto de objetos que a gente trabalha em sala de aula, alguns eu nem conhecia, essa coisa do mundo do trabalho, é um tema importante e que atrai a atenção do aluno, o tamanho e a dignidade com que os objetos são expostos, o acervo.... **tudo isso, até hoje me surpreende, cada vez eu venho é um aprendizado...**principalmente quando venho com alunos adultos e fico sabendo como alguma dessas peças funcionavam. É interessante que eles surpreendem o próprio educador do museu.. o cara as vezes está falando do funcionamento de um objeto e o aluno fala “não é assim não! É desse e daquele outro jeito” É sempre surpreendente, é Sempre um aprendizado. **O barato da coisa é esse, de trazer a memória, algo que ficou lá atrás, que normalmente já não estão mais nesse contexto, porquê estão em uma vida urbana, e esse museu pré industrial**, mas eles se lembram daquilo, e trazem, parece que vêm a tona em um momento assim e desperta essas lembranças...<sup>18</sup>

<sup>17</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 6-7.

<sup>18</sup> Entrevista em HD 1h35', data 11/04/2012, local: MAO. Grifos nosso.

Em sua experiência sensível, o professor Bento se reconhece como sujeito “aprendente” que se surpreende com a possibilidade de produzir conhecimento a partir da experiência de vida dos visitantes escolares. Os professores experienciam situações diversas, que são confrontadas com saberes adquiridos nos cursos de formação e com saberes que lhes são propostos para ensinar.

Os museus são ambientes formativos que abrem possibilidade de partilhar experiências. Por meio do uso pedagógico dos museus, os professores redimensionam sua prática, promovendo uma educação para as sensibilidades. Para Junia Sales Pereira a educação como princípio formador e humanizador é uma das finalidades dos museus, apresentando-se como uma de suas faces mais desafiadoras e instigantes: “o exercício do fazer educativo em Museus é visto como oportunidade formativa porque rica de experiências, contatos e trocas que proporcionam- quando significativos-situações novas, enriquecedoras e reinventivas.<sup>19</sup>

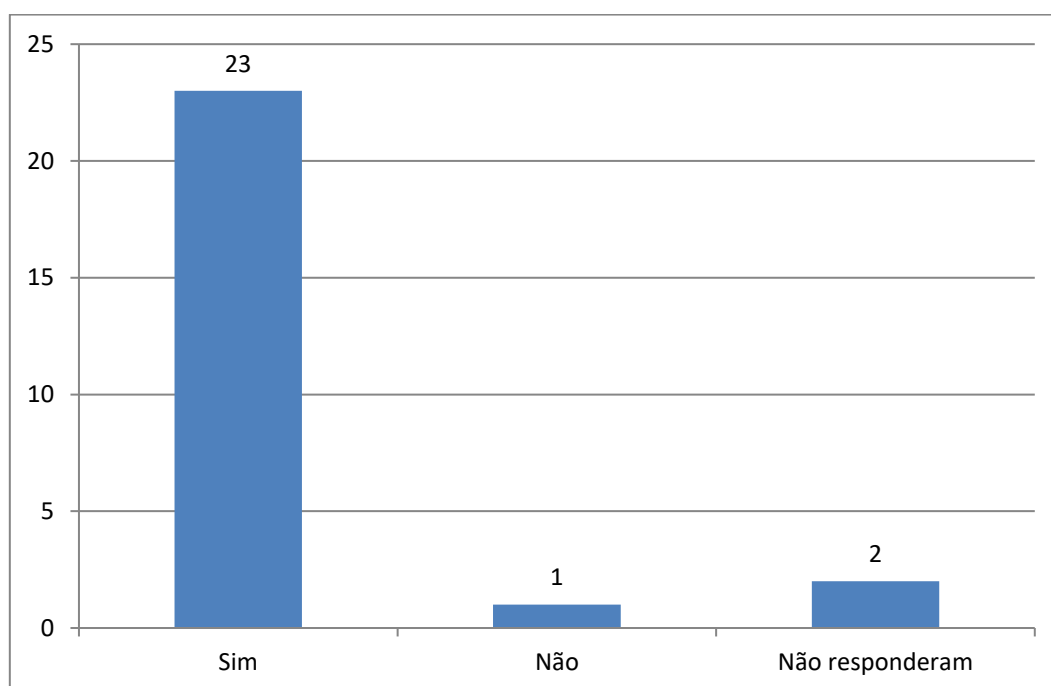
O professor Bento destaca, também, a potencialidade virtual do museu, se referindo aos objetos expostos, legendas, totens interativos e imagens que compõem a exposição do MAO. No decorrer das visitas, as relações entre os estudantes e os objetos, por meio das lembranças, prevalecem sobre o caráter monumental do acervo. É na relação sensível com o acervo que as lembranças vêm à tona, estabelecendo diálogo com a exposição e produzindo novos sentidos para a experiência individual de cada estudante em diálogo, não menos importante, com os conteúdos escolares.

Pelo Gráfico 2 percebemos que a maior parte dos professores faz o agendamento por meio do setor educativo, uma das formas de sistematizar a visita e conhecer previamente o que o museu pode oferecer.

**Gráfico 2 - Agendamento de visitas por meio do serviço educativo**

---

<sup>19</sup> PEREIRA, Junia Sales. *Escola e Museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOR-PUC-Minas, 2007, p. 2.



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores.<sup>20</sup>

Ao contatarem o setor educativo do MAO, esses professores são convidados a participar do *Momento do Educador*, quando têm a oportunidade de conhecer as ações desenvolvidas pelo Museu e recebem o Guia do Educador. Com esta ação o setor educativo pretende estabelecer parcerias com os docentes, na melhoria dos serviços educativos, e repensar as ações oferecidas para as escolas:

O acervo do MAO possui um amplo acervo que permite diversas possibilidades de interpretação a partir da sua exploração. Para que todo este potencial seja desenvolvido, foi criado o **Momento do Educador**, um espaço de interação e diálogo entre os educadores interessados e a equipe do MAO. Nesta ocasião, são apresentadas as ações educativas promovidas pelo Setor Educativo, é realizada uma atividade detonadora de reflexões sobre o Museu, seguida de uma visita técnica a um dos ofícios. Busca-se assim o aprimoramento destas propostas educativas através da constante interação entre os educadores e o museu, estabelecendo uma parceria cada vez mais sólida. Concluindo esta atividade cada educador recebe o Passe Livre do Educador (Museu de Artes e Ofícios, online)

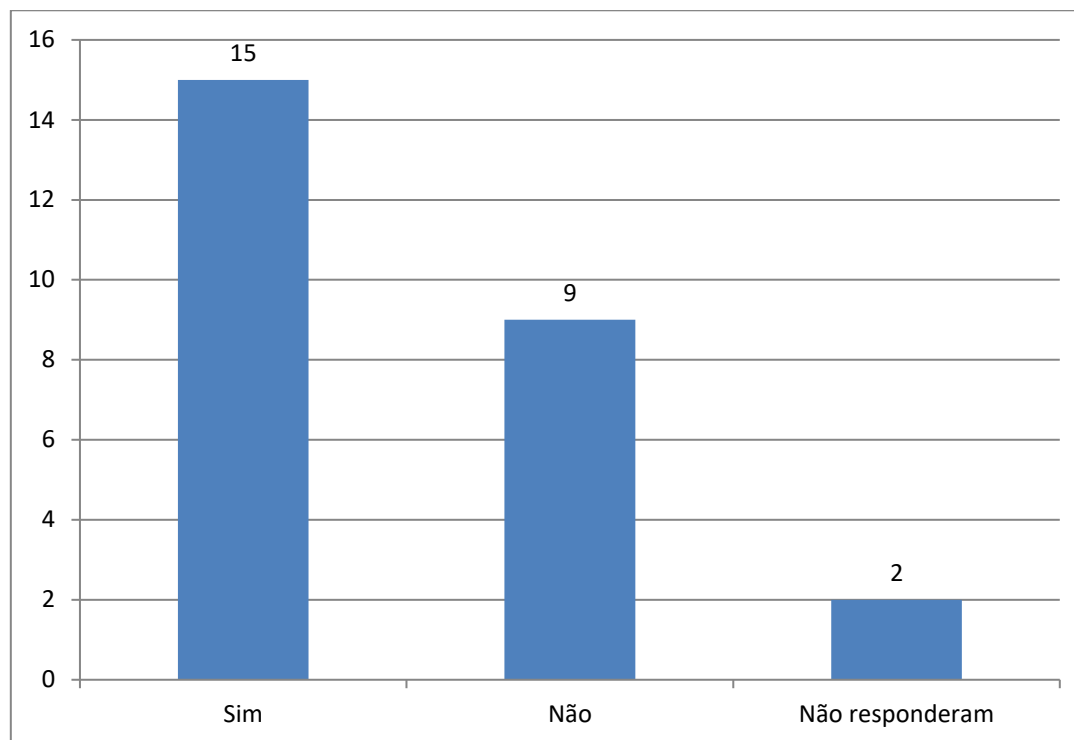
O *Momento do Educador* acontece na última semana do mês e na primeira segunda-feira como requisito parcial para o agendamento de visitas orientadas ao MAO. Dos 26

---

<sup>20</sup> BRAGA, 2014, p. 136.

professores da primeira etapa da pesquisa, 58% participaram do *Momento do Educador* antes da realização da visita.

**Gráfico 3 - Participação no Momento do Educador do MAO**



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores.<sup>21</sup>

O tempo desta ação é limitado a uma hora e, geralmente, ocorre em horário noturno e, por isso, muitos docentes não conseguem participar do que poderia constituir-se em espaço para a troca de experiências com os educadores de museus. A condição docente interdita participação neste processo, pois os professores raramente conseguem a liberação de atividades para participar de formação que não seja ligada a uma política de Estado.

**Pesquisador:** O Momento do Educador você já participou?

**Professora Cora:** Não.

**Pesquisador:** Ainda não, né...

**Professora Cora:** Não porque ano passado eu trabalhava à noite e esses eventos eram sempre à noite. Então, você ser dispensado da escola é muito complicado. Às vezes falta profissional, a gente não tem essa dispensa e, além disso, eu trabalhava todos os dias à noite.<sup>22</sup>

.....  
**Pesquisador:** E os cursos de formação são oferecidos aqui? Já participou?

**Professora Cecília:** Sim.

**Pesquisador:** Ampliando horizontes?

<sup>21</sup> BRAGA, 2014, p. 137.

<sup>22</sup> Entrevista em HD 1h52', data 10/04/2012, local: MAO.

**Professora Cecília:** É... O que acontece é o seguinte... Os debates que acontecem fora do meu horário de trabalho não tem jeito. Eu sou mãe, tenho uma criança de quatro anos, então, estou numa fase da minha vida que tenho que privilegiar algumas coisas. Mas eu participei do 1º Congresso que eles fizeram de Museus, acho que em 2006...

**Pesquisador:** Isso, um Seminário.

**Professora Cecília:** Um Seminário que foi excelente... Foi lá que eu descobri, por exemplo, o Museu dos Brinquedos... Eu não sabia que ele existia, e foi o ano que foi inaugurado. Tinha uma pessoa lá que me falou, e a partir disto que eu fui.

As outras atividades... Eu fico com vontade, eu recebo os e-mails, mas eu nunca vim. Eu venho é nos encontros quando a gente marca uma visita... o Momento do Educador.. Não tinha Ampliando Horizontes não!<sup>23</sup>

.....  
**Pesquisador:** Você já participou de alguma formação oferecida pelo museu?

**Professora Clarice:** Eu não consegui voltar por causa dos horários, às vezes eu estava trabalhando à tarde. É difícil quando você está dobrando pedir liberação pra sair pra formação.

Eu fiquei doida pra voltar numa Palestra do Francisco Regis que teve aqui, mas não consegui porque estava trabalhando a noite.<sup>24</sup>

Com os três relatos acima, percebemos uma dificuldade em participar das atividades de formação oferecidas pelo MAO. As professoras Cora e Clarice trabalham em jornadas duplas, uma característica quase geral dos professores da rede pública de ensino. Muitos possuem dois cargos para contornar a situação atual de baixos salários. A professora Cecília participou do primeiro seminário ofertado pelo MAO quando o museu foi aberto em 2006, mas, atualmente, como a formação acontece fora do horário de trabalho e ela não consegue liberação, em seus horários de folga prefere estar com os filhos que considera prioridade em sua vida.

A condição docente é da ordem do humano e os professores devem ser entendidos nessa perspectiva sociocultural. São sujeitos que constroem suas ações profissionais na formação inicial e continuada, na experiência em sala de aula e nas relações sociais e familiares que mantêm. Como mulher e mãe, a professora Cecília afirma que está em uma fase da vida em que prioriza a família. Considera que os processos formativos são muito importantes, mas ainda que tenha vontade de participar, os horários não são compatíveis. As professoras Clarice e Cora têm que cuidar de suas sobrevivências e com os baixos salários que recebem, optam por dobrar o turno trabalhando em mais de uma escola.

<sup>23</sup> Entrevista em HD 1h18', data 20/04/2012, local: MAO.

<sup>24</sup> Entrevista em HD 1h48', data 18/04/2012, local: MAO.



Mesmo não conseguindo participar do *Momento do Educador*, estes docentes conseguem agendar a visita por telefone ou e-mail. O agendamento abre a possibilidade de o professor organizar as atividades que serão desenvolvidas e realizar a visita em parceria com educadores que compõem a equipe do MAO. Há, ainda, a possibilidade de optar por uma das trilhas<sup>25</sup> sugeridas no *Guia do Educador*, rompendo com a ideia de que é necessário ver todo o museu em um em uma única visita.

Como podemos observar no gráfico 04, 42% dos professores possuem o *Guia do Educador* e fazem uso do material para preparar sua visita ao MAO. O instrumento é um norteador e sugere algumas atividades que podem ser desenvolvidas no museu. Por meio deste guia, os professores que optam por uma das trilhas são recebidos por um educador que apresenta a exposição do museu:

**As aulas prontas me deram ideias para adaptá-las** a realidade das minhas turmas. A intenção era falar sobre os ofícios e depois compará-los aos atuais. (Professora Laura)

Leio, mas sempre **preparo a parte**. (Professora Lucimar)

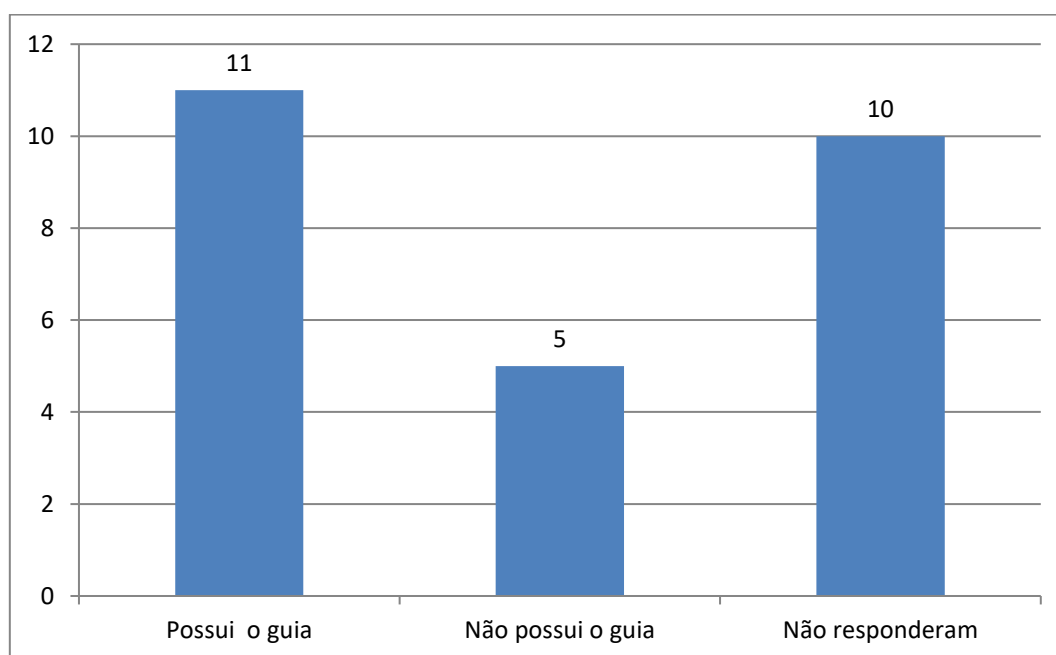
O material do MAO é ótimo para **sensibilização do grupo**. (Professora Tereza)

**Usei, e em todas as outras visitas irei usar** e explorá-lo mais. (Professora Fran)

#### Gráfico 4 - Em relação ao Guia do Educador

---

<sup>25</sup> São sugeridas 6 trilhas: Trilha da mineração, Trilha do Gesto, Trilha Afro-brasileira, Trilha do Comércio, Trilha da Energia e Trilha das Artes.



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores na primeira etapa da pesquisa.<sup>26</sup>

Segundo alguns professores entrevistados na primeira etapa da pesquisa, o *Guia do Educador* é um material para sensibilização dos estudantes no momento que antecede as visitas, além de um excelente material para orientar a preparação de aulas desenvolvidas na escola e os conteúdos provocados pela exposição do MAO, após a visita. Além do *Guia*, ao participarem do *Momento do Educador* os professores recebem o *Passe Livre do Educador*, que possibilita o acesso ao Museu, para que possam planejar atividades que serão realizadas com os estudantes durante a visita.<sup>27</sup>

Pereira & Carvalho afirmam que não há visibilidade plena nos museus e sim a possibilidade de aprendizado da cultura e a sensibilização histórica por meio do projeto museal. Em processo, o museu é forjado a partir de seleções arbitradas de coleções produzindo visibilidade e invisibilidade. Desta forma é preciso romper com:

(...) as ilusões implicadas na suposição da visita total, a pretensão de apreensão plena de significados históricos ou da aprendizagem da história como sucessão cadenciada, organizada e previsível dos tempos. Trata-se de uma aprendizagem de uso do museu para além da notícia da história dos objetos que ele guarda, convidando ao exercício de reflexão sobre a

<sup>26</sup> BRAGA, 2014, p. 140.

<sup>27</sup>O agendamento de visitas orientadas ao MAO é realizado com 1 mês de antecedência de duas formas: no "Momento do Educador" encontro realizado com professores na última semana do mês e na primeira segunda-feira de cada mês, para o mês seguinte. O professor que comparece ao encontro tem a possibilidade de agendar visitas e as vagas remanescentes do encontro, ficam disponíveis para agendamento na primeira segunda-feira. **Museu de Artes e Ofícios**, 2014, online.

história do museu e do seu papel social, enfatizando suas armadilhas de concepção e exposição museológica, inclusive, considerando seu jogo político no plano da cultura.<sup>28</sup>

O uso do *Guia* e a possibilidade de ir ao museu em qualquer horário pode dar maior objetividade à visita de caráter pedagógico, contando, é claro, com o imprevisto em uma situação relacional envolvendo professores, estudantes e educadores dos museus. De posse do *Guia do Educador*, os professores podem selecionar uma trilha ou optar por outra forma de visita mais livre a partir de um problema relacionado ao conteúdo disciplinar. Podem também conhecer um pouco da história do MAO, sua função social, as atividades de pesquisa e difusão realizadas pela instituição, dos usos que tinham o prédio antes de abrigar a exposição e utilizar as proposições de atividades. E essa construção pode, também, ser feita por meio da rede mundial de computadores com uma visita virtual. Segundo os docentes entrevistados as atividades prévias mais comuns são:

Leitura de textos sobre o próprio Museu, catálogo e acervo. Organização do roteiro com objetivos da visita e instrumentos de registro durante e após a visita. (Professora Adélia)

Estudamos o que são ofícios, como são praticados e como eram praticados, quais ofícios foram extintos e substituídos pela industrialização e modernização, qual a importância dos ofícios. (Professora Patrícia)

O professor se sentirá mais a vontade para acompanhar os alunos pois já terá conhecido o acervo e refletir sobre o aprendizado dos alunos no sentido de relacionar a matéria dada em sala com o conteúdo a ser trabalhado no museu. (Professora Mayza)<sup>29</sup>

As atividades relatadas são feitas no pré-visita ainda nas escolas para aproximar os estudantes do universo museal, destacando a importância da visita e propondo relações com os conteúdos escolares. Esse tempo auxilia na compreensão de que é possível fazer opções por objetos e cenários no levantamento de problemas e questões de natureza histórica rompendo com a ideia da visita total.

Ao que parece, a primeira aproximação dos docentes com o museu acontece de maneira instrumental, ou seja, com finalidades de exploração pedagógica e histórica dos temas que são desenvolvidos em sala de aula a partir do currículo. Esta aproximação instrumental não significa que as dimensões éticas, estéticas e políticas estão desconsideradas.

---

<sup>28</sup> PEREIRA, Junia Sales; CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 30, n. 82, set./dez., 2010.p 390-391

<sup>29</sup> BRAGA, 2014, p. 142.

A visita é experiencial e, portanto, plena de sentidos que extrapolam o projeto inicial do docente. Como disse o professor Bento, o MAO é o lugar do inesperado e por meio do encontro dos discentes com objetos que fazem parte de sua história de vida são tecidas narrativas inéditas, em diálogo com a proposta dos educadores de museu.

A pretensão de objetividade pode ser comprovada por meio de projetos socializados no MAO e os que foram disponibilizados pelos professores entrevistados para esta pesquisa.

O professor Elair Sanches, por exemplo, desenvolveu o projeto *Espaço, Sociedade e Ofícios*, que foi socializado no MAO e publicado no Guia do Educador. Segundo o professor, o projeto tinha como objetivos principais.<sup>30</sup>

- Propiciar aos alunos uma análise do desenvolvimento das relações entre o homem e seus ofícios, permitindo-os identificar o contexto histórico dos diversos ofícios percebidos durante as visitas e suas diferentes condições de trabalho e lugares sociais, bem como analisar as relações sociais e as condições de trabalho no mundo contemporâneo.
- Desafiar e, paralelamente, facilitar aos alunos a compreensão de diferentes conceitos que os ajudarão a construir uma prática e uma consciência cidadã realmente democrática, ajudando-o a refletir sobre sua própria identidade e despertar sua curiosidade em relação a outras culturas;
- Aprimorar a percepção sobre a produção e utilização de energia pelo homem e a evolução tecnológica pelo e para ele (o homem);
- Discutir o papel dos museus como elemento de preservação da memória/história;

Envolvendo outros docentes da escola em que leciona, o professor organizou suas turmas em 5 grupos de estudos, divididos entre as áreas de Sociologia, História, Língua Portuguesa, Geografia e Biologia. Cada grupo estudou um subtema escolhido por sorteio e ficou sob orientação de um dos professores envolvidos no projeto. Organizados dessa forma, os estudantes registram as informações escritas no CIT (Caderno de Informações do Trabalho), juntamente com os registros em filmagens, fotografias e gravações que foram usadas na elaboração de um documentário.

As estratégias de ação usadas pelo professor desde o envolvimento de outros professores da escola até a organização da turma em grupos foram baseadas em uma lógica própria da escola que prevê finalidades das disciplinas escolares e propõe projetos de forma interdisciplinar.

---

<sup>30</sup> BARBOSA, Neília Marcelina. *Olhares sobre a prática docente no uso do Arte de Ofícios*. (Relatório final de pesquisa de iniciação científica). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010.

O professor Elair tem 31 anos de magistério e visitou um museu pela primeira vez na década de 70, experiência que descreveu como “impactante”. Em sua carreira como docente usa os espaços educativos da cidade como estratégia pedagógica e, no caso do MAO, a visita foi precedida de atividades na Cidade Administrativa do Estado de Minas Gerais e na Cidade dos Meninos, em Ribeirão das Neves.

Os objetivos sinalizados pelo professor seguem uma metodologia própria do ensino de história, cujas competências e habilidades são definidas em currículos estabelecidos pelo Estado, e tensionadas nas salas de aula na relação com os estudantes. O professor conclui o relato da experiência afirmando que:

Através desse projeto, o aluno pode reconhecer seu papel como cidadão ativo, sujeito da história e responsável pela preservação do patrimônio material e imaterial da sociedade brasileira. O MAO, com seu rico e diversificado acervo, mostra à sociedade como o museu e, assim como a escola, tem um papel educativo de conscientização das novas gerações. A Cidade dos Meninos, por sua vez também cumpre essa função educativa, possibilitando a inclusão social e a valorização do seu humano.<sup>31</sup>

O professor enfatiza a cidadania como um dos objetivos do projeto que desenvolveu tendo o museu como espaço de formação dos estudantes. Ressalta, ainda, a importância do MAO na conscientização das novas gerações em relação ao patrimônio material e imaterial da sociedade. No seu projeto existe uma preocupação de debater sobre o papel dos museus na preservação da memória/história.

Os museus operam com a memória e a história. Ulpiano Bezerra de Menezes afirma que a elaboração da memória dá-se no presente para responder a demandas colocadas pelo presente.<sup>32</sup> O autor refere-se à memória em litígio, construída socialmente por determinados grupos e concretizada em nomes de ruas, monumentos, museus, livros didáticos e outras mídias.

Partindo das considerações de Menezes, essa memória em litígio, que depende de artifícios para sua manutenção, denominamos de “memória elaborada”. A memória

---

<sup>31</sup> BARBOSA, Neilia Marcelina. *Olhares sobre a prática docente no uso do Arte de Ofícios*. (Relatório final de pesquisa de iniciação científica). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010.

<sup>32</sup> MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. *Museu: Dos Gabinetes de Curiosidade a Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005.

“elaborada” é da ordem da ideologia: às vezes expressa o controle do Estado e dos grupos dominantes sobre o passado, em um contexto no qual os usos do passado tornam-se cada vez mais complexos. Não se pode deixar de destacar que grupos silenciados por uma memória oficial também possui estratégias de elaboração da memória. Nas palavras de Michael Pollak:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição de cartas políticas e ideológicas.<sup>33</sup>

A memória elaborada é interferente na memória social e individual. A memória social é um sistema organizado por meio das lembranças de grupos sociais, assegurando a coesão e solidariedade do grupo. Para Ulpiano a memória social não é espontânea, precisando de ser reavivada, estando na ordem da vivência e do mito. A memória individual também sofre influência da memória “elaborada” e compõe a memória social. Entretanto, a memória individual é resistente, pois depende e é reconstruída pela experiência vivida.

## VISITAS MEDIADAS AO MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS

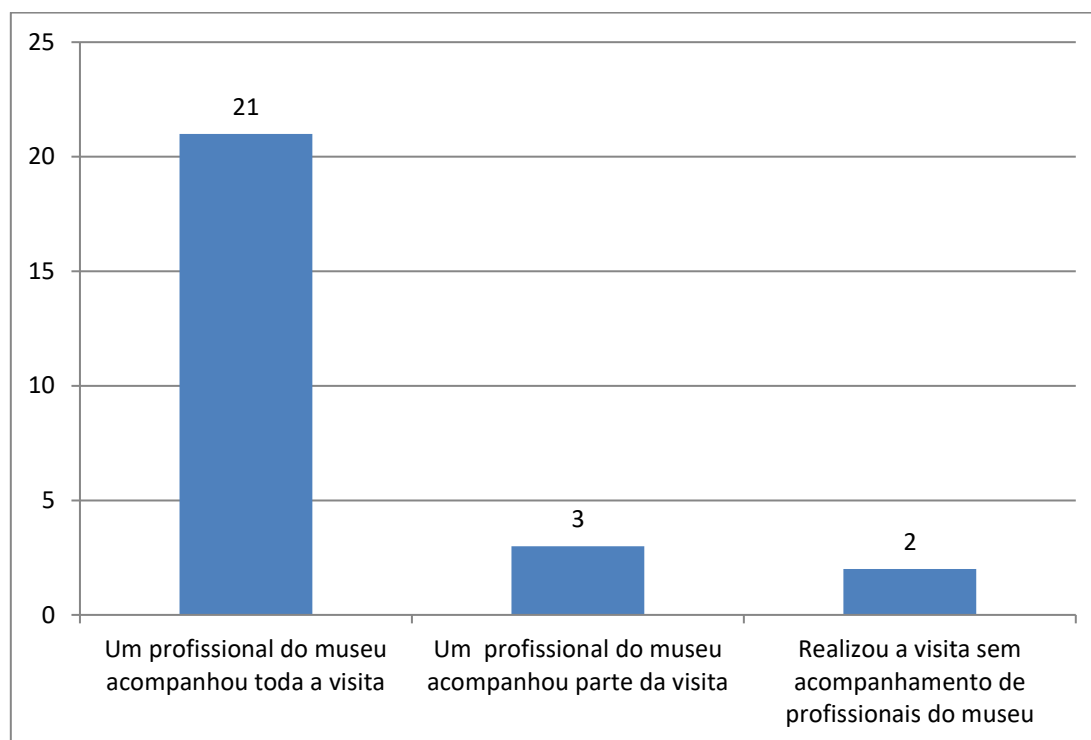
Outra discussão pertinente à relação entre escolas e museus diz respeito ao conteúdo da visita classicamente chamada de guiada. A visita guiada pode ser um momento rico de enunciação da relação dos estudantes e professores com a cultura e com os vestígios do museu e também com a sua proposta expositiva. Mas pode ser momento de *referendum* de discursos unívocos e postos como definitivos, sem inquirições. Para o que nos interessa, vale afirmar um exercício profissional marcado pela noção de experiência, em que dimensões subjetivas, objetivas e intersubjetivas são consideradas.

Do total de professores, 81% preferiu ser acompanhado por um educador de museu na realização de sua visita ao MAO. Este dado revela uma tendência entre docentes que fazem uso pedagógico dos museus. Ainda que tenham objetivos definidos *a priori* o diálogo com os educadores do museu não é dispensado.

### Gráfico 5 - Na visita ao MAO

---

<sup>33</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 8.



Fonte: Dados do questionário respondido por 26 professores.<sup>34</sup>

Na relação destes espaços formativos de educação com as escolas os termos visita “guiada”, “orientada” e “monitorada” eram amplamente usados. Estes termos colocam o visitante como receptor de informações em uma lógica transmissiva na qual é possível obter o máximo de informações em uma única visita. Nas falas dos professores é recorrente o uso dessa concepção:

**O educativo do museu é muito eficiente e preparado.** O horário de abertura do museu (8h15) facilita a visita no turno da manhã. (Professora Joana)

Destaco a qualidade do acervo e **o acompanhamento dos monitores que auxiliam informando além do trabalho em sala** (Professora Anita)  
 O ambiente do museu desperta a curiosidade dos estudantes visitantes, o acervo transporta o visitante no tempo, **as orientações dos guias ampliam a possibilidade de exploração pedagógica da visita** (Professora Elisa).

Destaco o **preparo do guia** em todos os aspectos (conteúdo, crítica, cidadania, didática). (Professor Clésio)<sup>35</sup>

A palavra mediação está substituindo o termo visita guiada. Neste caso existe uma diferença de concepção de educação adotada pelos museus. Os guias ou monitores, como

<sup>34</sup> BRAGA, 2014, p. 150.

<sup>35</sup> BRAGA, 2014, p. 152.

disseram os professores entrevistados, passam a ser vistos como educadores de museus, uma vez que realizam uma atividade baseada nas relações de ensino e aprendizagem. O termo mediação amplia a visão de educação investindo em um processo dialógico e reflexivo no qual o visitante é estimulado a participar e trocar conhecimento e experiência. Para Junia Sales Pereira:

Os museus têm na comunicação uma de suas finalidades e funções. Mas eu falo de uma comunicação dialógica e reflexiva, concebida como processo de mediação entre sujeitos, objetos e propostas. Por isso, eles também são educadores, pois a comunicação que eles realizam pretende possibilitar a construção de uma relação renovada dos sujeitos com os registros de memória e o patrimônio, apresentando-se como instituição portadora de uma postura ética, formativa e humanizadora.<sup>36</sup>

A autora refere-se a processos educativos centrados no sujeito, rompendo com uma exposição linear e dogmática no investimento de atos mais reflexivos, uma vez que professores e estudantes não chegam aos museus como vazios culturais. Os educadores dos museus também têm seu modo de se posicionar no mundo a partir de suas dimensões éticas, estéticas e políticas. Eles próprios estabelecem uma relação sensível com a exposição que é interferente na forma como constroem uma narrativa apresentada aos visitantes escolares.

A coordenadora do setor educativo do MAO, Naila Mourthé, afirma que:

Esta palavra mediação está aí, mas está em construção. Eu acho muito fácil a gente mudar o nome das coisas, mas é difícil mudar a prática que dá subsídio as nossas ações. Então, tentando encontrar uma palavra próxima daquilo que acreditamos, mas ainda distante daquilo que efetivamente fazemos, com todas as críticas que existem a visita guiada, visita orientada... O nosso desejo e nos estamos caminhando para chegar a uma visita eminentemente mediada.<sup>37</sup>

A coordenadora expõe o esforço da equipe na garantia de uma visita mediada que dialogue com as experiências dos visitantes. No caso dos visitantes escolares é necessário destacar que existe a mediação prévia com as intenções dos docentes, que chegam aos museus com uma expectativa baseada em seus pressupostos educativos e, claro, em suas concepções de cultura e sociedade. Como sujeitos de experiência, os docentes mobilizam saberes em uma situação de visita que poderão refletir na ação do educador de museus.

---

<sup>36</sup> PEREIRA, Junia Sales. *Escola e Museu: diálogos e práticas*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus/CEFOR-PUC-Minas, 2007, p. 24.

<sup>37</sup> MOURTHÉ, Naila. Palestra na II Jornada Formadora do MAO in: BARBOSA, Neilia Marcelina. *Olhares sobre a prática docente no uso do Arte de Ofícios*. (Relatório final de pesquisa de iniciação científica). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2010.



Os professores entrevistados falam da possibilidade de ampliar o uso pedagógico do MAO a partir da relação com os educadores. A presença do educador entre os visitantes escolares e a exposição em 81% dos casos é significativo. Os docentes consideram que os educadores possuem informações que vão além dos conteúdos escolares e, portanto, são indispensáveis no momento da visita.

Este foi o caso do educador que recebeu a professora Adélia e os estudantes do curso de história e construiu uma narrativa sobre o nicho expositivo em que está o fogão à lenha (Figura 01). A narrativa foi baseada em suas experiências das histórias que ouvia da tia e da avó. Quando recebeu os estudantes acompanhados da professora Adélia o educador criou um personagem para apresentar o fogão. O educador criava uma performance incorporando uma senhora idosa que usou aquele fogão e que, portanto, conhecia todas as histórias relacionadas ao objeto.

**Professora Adélia:** Como eu via que ele saía muito do objeto... Saía assim, metaforicamente, daí eu falei... “De onde ele tira?” Então, ele tirava das histórias dele... Da avó dele, das tias dele, e coisas que ele inventava, e ele era muito famoso. Ele era um bom...

**Pesquisador:** Um bom educador...

**Professora Adélia:** É... [Risos]

A visita dele, diferente de outro monitor de história, estudante de história... Que era muito preciso em relação às informações historiográficas e tudo, mas que não causava empatia, principalmente pra crianças.

.....  
O menino que fazia a narração histórica baseado na historiografia, e não na ficção, fazia uma narrativa boa também, mas o outro empolgava muito. Com diferentes pegadas para o acervo, pra discussão do que era a proposta do museu...

Ele não desconsiderava o museu. A narrativa dele não era essa sala, mas era do fogão.<sup>38</sup>

Para a docente, o educador baseava-se em suas histórias familiares criando uma narrativa empática, diferente de outro educador que se limitava a uma narrativa mais ancorada na historiografia. A docente afirma que ele saía muito do objeto, ou seja, criava uma narrativa que extrapolava as informações de origem e uso da peça, inserindo sujeitos que usaram o fogão. Os objetos expostos no MAO são extensões do corpo, expressões materiais de uma sociedade e possuem significados que lhes são incorporados na relação que estabelecem com os sujeitos.

---

<sup>38</sup> Entrevista gravada em HD, 2h18', data 03/04/2012, local: MAO.

**Figura 01 - Fogão a lenha exposto no MAO. Acervo pessoal.**



O educador usou de elementos fictícios para apresentar o objeto. Como afirmam Junia Sales Pereira & Lana Mara de Castro:

(...) o objeto também pode provocar o saber narrativo, encenando o exercício dialógico de encontro de performances que no museu se realizam ou podem realizar. As narrativas orais, ao ser aberta, múltipla, sem enquadramento, exerce um poder de incitar os alunos às perguntas, a se surpreenderem, a se espantarem, a suspeitarem da veracidade do narrado e, portanto, a buscarem outros indícios (...)<sup>39</sup>

Os objetos estão em processo na relação subjetiva estabelecida pelos educadores e visitantes ampliando as representações possíveis que são feitas em cada nicho expositivo. O sentido não está encerrado na posição, legenda, iluminação ou outro artifício usado pela museografia ao expor o objeto em uma cadeia narrativa. Os sentidos são construídos a partir da experiência sensível, encarnada, a convite das musas e seus cantos.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> PEREIRA, Junia Sales; SIMAN, L. M. C. Educadores em zonas de fronteira - Limiares da relação museu-escola. In: NASCIMENTO, Sylvania Souza; FERRETI, Carla Santiago. (Org.). *Museu e Escola. Anais*. Belo Horizonte: Puc Minas/UFMG, 2009, v. 1, p. 11.

<sup>40</sup> SCHEINER, Tereza Cristina. *O museu como processo. Cadernos de Diretrizes Museológicas 2: mediação em museu: curadorias, exposições, ação educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

São sentidos construídos por meio das lembranças armazenadas na memória e não de forma mecânica e instrumental nas narrativas canonizadas. Dessa forma há entrelaçamentos entre as lembranças provocadas pela exposição e a narrativa histórica conhecida por professores, estudantes e educadores de museus. Portanto, pode-se supor que no museu tem-se uma narrativa híbrida constituída também por imaginações, ficções, e outros fenômenos próprios da relação do homem com o mundo.

A exposição do museu pode ser espaço para treinamento dos sentidos, tornando possível a liberdade de experiência na tomada da consciência histórica. A professora Cecília relaciona a possibilidade de imaginar e de fruir em um espaço potente como o MAO:

**Professora Cecília:** Você se lembra de uma **novela**... Eu não vou lembrar o nome, mas tinha uma loja chamada “Luxor sei lá das quantas”... **A menina escreveu no texto dela que isso aqui era “Luxor”...**

Então, talvez a sua pergunta seja neste sentido... Como é que o museu, mas não histórias antigas porque eu não fiz esse trabalho, mas eu achei muito **interessante ela vê aqui como aquela loja luxuosa, neste espaço aqui todo... Chamou muito minha atenção, e eu até mandei para o pessoal do educativo... Eu falei... “Nossa, quais os sentimentos que vir aqui desperta nos meninos?”**

Aquilo que vai além eu ainda não trabalhei... Eu sou professora de história, e eu **tenho que trabalhar a imaginação...**

Eu acho que sim, é claro... A gente constrói conhecimento assim.

É claro que como historiadora a gente tem que de vez em quando puxar também. Eu acho que se fizesse um trabalho com professor de literatura ia ficar um negócio muito legal pra fluir dos dois lados. **Então, eu não acho errado fluir a imaginação... Sem dúvida nenhuma um aluno de 6º ano está no tempo da imaginação. Tenho certeza que desperta nos meninos essas coisas. Eu não vou tolhi isso simplesmente não, tanto é que essa menina que escreveu sobre isso não interferia.** Eu acho foi muito interessante a leitura que ela fez.... Você traz um aluno aqui pra conseguir enxergar a fonte histórica, e o aluno traz um espaço imaginativo da televisão pra cá foi é muito rico. Eu não achei ruim...

Quando você tira o aluno e o traz para um espaço temático desses... **Eu acho aqui uma magia de louco. Isso aqui em mim desperta uma série de sentimentos, quem sou eu pra tolhi este sentimentos...**<sup>41</sup>

A despeito da organização racional da exposição do museu, a professora Cecília entende que muitos sentimentos são despertados em uma situação de visita e que os estudantes têm uma forma própria de fruir que não está presa a lógica de aprendizagem cognitiva. A estudante que acompanhava a professora comparou a arquitetura do MAO a um cenário de novela que estava sendo televisionada na época da visita. Segundo a

---

<sup>41</sup> Entrevista em HD 1h18', data 20/04/2012, local: MAO. Grifos nosso.

professora, o conhecimento é construído assim: ainda que o conteúdo curricular seja o foco é preciso abrir espaço para o encantamento, o deslumbramento e para a magia causada pelas exposições museais. O olhar desperta dimensões invisíveis da experiência que estão além da proposta curatorial. São dimensões relacionadas à história de vida, a experiências adquiridas na família e na sociedade que são acionadas em contato visual com a exposição.

Na concepção filosófica de Merleau-Ponty é na relação com as coisas que o sujeito reconhece sua existência para, posteriormente, elaborar os pensamentos com base em sua experiência vivida armazenada na memória. Pelo contato visual o sujeito elabora uma percepção do que vê. O movimento perceptivo é intencional na busca de compreensão das coisas no mundo, entretanto, o sujeito constrói sentido intelectual sobre determinado objeto quando o efetiva como experiência vivida. A experiência sensível nos museus acontece quando o sujeito está em contato visual com a exposição, submetido à abertura do mundo que é própria da sua existência.<sup>42</sup>

No uso educativo dos museus, instituições que se justificam por sua materialidade, o contato visual constrói pontes com concepções prévias dos visitantes e professores, estimulando uma percepção criativa, inventiva, que não raro extrapola as intenções iniciais da curadoria, dos educadores de museu e dos professores. A mediação faz parte de uma concepção educativa em museus que considera primordialmente a experiência humana. É momento de elucidação de visões de mundo, emergência de relações, troca de afetos, sensibilidade em um processo de partilha que não dispensa a sistematização, mas que não a tenha como objetivo principal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que os professores são sujeitos apaixonados e apaixonantes e, por isso, nossa metodologia privilegiou o sujeito em uma situação de experiência. A entrevista caminhante foi uma oportunidade dos docentes refletirem sobre a prática de uso pedagógico de museus para o ensino de história e de exporem suas concepções de educação e sociedade.

Para Larrosa, o saber da experiência é diferente das informações, pois está relacionado à abertura e à receptividade do sujeito. Resulta da capacidade do sujeito de estar “ex-posto”, ou seja, de assumir toda a vulnerabilidade em uma situação que desconhece, mas

---

<sup>42</sup> MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

que por suas posições diante da educação e sociedade sente a necessidade de arriscar. Para o autor:

Se a experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional.<sup>43</sup>

Os museus são ambientes de formação e seu uso proporciona reflexões sobre os saberes e estratégias que serão mobilizadas, rompendo com limitações conceituais e práticas da educação. São ambientes que proporcionam experiências e trocas diferentes das que acontecem em uma situação relacional em sala de aula.

Os professores de história participantes dessa pesquisa confrontaram suas memórias subjetivas com concepções de ensino e aprendizagem da história. Em uma situação de experiência sensível, os docentes narraram as estratégias que usam para ensinar e criaram significados para suas práticas. A entrevista por meio de questões geradoras foi formativa. Em diálogo com o pesquisador, os professores refletiram sobre os saberes que mobilizam para ensinar história e os usos pedagógicos que fazem da exposição do MAO.

---

<sup>43</sup> BONDÍA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, jan./abr., 2002, p. 24